

# O ESPAÇO DA PRODUÇÃO E DA COMERCIALIZAÇÃO DO QUEIJO NO MUNICÍPIO DE CACHOEIRINHA – PE

*Lúcia de Fátima Espíndola  
Silva Viana*

## **Resumo**

Este artigo lança um olhar sobre a pequena produção e comercialização do queijo no município de Cachoeirinha, situado na Microrregião do Vale do Ipojuca, no Agreste pernambucano. Neste trabalho, consideramos o processo de produção do queijo como atividade artesanal por apresentar aspectos relacionados ao período pré-industrial no qual havia uma predominância dos moldes artesanais de produção. Fundamentando-se nas idéias de Milton Santos sobre as “verticalidades e horizontalidades”, constatamos que as horizontalidades estão lá representadas pelos produtores rurais, onde a modernização e o cooperativismo ainda encontram resistências e as verticalidades estão simbolizadas pela cidade, que é o lugar da regulação do trabalho, onde acontece a circulação, distribuição e consumo dos produtos.

**Palavras-chaves:** atividade artesanal, lugar, verticalidades, horizontalidades

## **Abstract**

This article offers a perspective on the small-scale production and commercialization of cheese in the Municipality of Cachoeirinha, situated in the Vale do Ipojuca Micro-region, in the agreste of Pernambuco State. The process of cheese production was an artisanal activity for displaying aspects related to the pre-industrial process, in which there was a prevalence of traditional production schemes. Based on the ideas of Milton Santos regarding “verticality and horizontality”, it was observed that in the studied area “horizontalities” are represented by the rural producers, among which

modernization and cooperativism are not accepted. The “verticalities” are represented by the city itself, which is the place of work regulation, and also the space where products are distributed, commercialized and consumed.

**Keywords:** artisanal activity, place, verticalities, horizontalities.

## Introdução

A ocupação da área que hoje compreende o município de Cachoeirinha obedece aos mesmos padrões históricos de ocupação de terra, verificados para o Agreste, ou seja, uma ocupação fundamentada na atividade econômica baseada na agricultura e na pecuária.

Nos seus primórdios, portanto, as formas espaciais que lá predominaram eram as fazendas de criação de gado: *as terras agrestinas drenadas pelo Ipojuca, pelo Capibaribe e pelo Una, já por volta do século XVII achavam-se divididas em grandes fazendas de criação* (CARDOSO, 1965, p. 57).

O município de Cachoeirinha<sup>1</sup> teve origem na Fazenda Cachoeirinha, pertencente à Sesmaria dos Vieira de Melo. O desenvolvimento dessa fazenda teve início após a destruição do Quilombo dos Palmares, quando o seu fundador, o responsável pela Sesmaria, capitão Antonio Vieira de Melo, pôde dedicar-se inteiramente ao seu desenvolvimento. Em 29 de abril de 1751, essa fazenda passou a pertencer à senhora Maria da Conceição Bezerra, viúva do sargento-mor Antonio Fagundes Bezerra.

Em 1863, o Pe. Manuel da Costa Honorato, registra Cachoeirinha como um povoado na freguesia de São Bento do Una, onde desemboca o riachão do Gama, afluente do rio Una.

No dia 12 de maio de 1874, foi criado o distrito de Cachoeirinha e somente em 22 de novembro de 1892, após uma reunião do Conselho Municipal de São Bento do Una, onde foi discutida e aprovada a Lei de Divisão do Município, ocorreu à

---

<sup>1</sup> O nome “Cachoeirinha” originou-se de uma pequena cachoeira existente no curso do rio Una, situado a aproximadamente 700 metros de distância da cidade.

divisão do mesmo em dois distritos. Desde então, o município compõe-se de dois distritos: o de Cachoeirinha (sede) e o de Cabanas (1º distrito).

Pela Lei Estadual nº. 3.309, promulgada aos 17 de dezembro de 1958, o então distrito foi elevado à categoria de município, como território desmembrado do de São Bento do Una, cuja instalação verificou-se no dia 1º de março de 1962.

Cachoeirinha possui uma situação geográfica relativamente interessante, visto que se localiza na Mesorregião do Agreste pernambucano, mais precisamente na Microrregião do Vale do Ipojuca, limitando-se ao norte com os municípios de Belo Jardim e Tacaimbó; ao sul com Lajedo e Ibirajuba; a leste com São Caetano, Tacaimbó e Altinho e a oeste com São Bento do Una.

Com uma área total de 179,27 km², uma altitude de aproximadamente 539m e 8º29'33" de longitude W, essa unidade político-administrativa é cortada pela BR-432, mantendo ligação direta com a BR-232, o que a coloca numa situação geográfica favorável aos fluxos comerciais dos seus produtos, em virtude do fácil acesso aos principais centros urbanos da porção oriental do estado de Pernambuco (Garanhuns, Caruaru e Recife).

A sua área urbana é constituída por um pequeno centro comercial e de prestação de serviços, formado pelos pequenos e médios estabelecimentos comerciais, destacando-se entre eles o comércio do artesanato (couro e aço) de artigos para montaria, concentrado mais fortemente em umas poucas ruas da cidade.

*A concentração de atividades localizadas em um ponto do território, maximizando a acumulação de capital para as mesmas, condiciona a continuidade deste processo: os complexos industriais e as áreas metropolitanas são exemplos típicos. O mesmo se pode dizer, mudando a escala, das ruas caracterizadas por um único tipo de atividade (CORRÊA, 1986, p. 72).*

Esse acontecer de atividades condicionará a tendência à concentração de formas e processos inerentes ao crescimento urbano do município; mas, em se tratando do Brasil, ter-se-á uma organização sócio-espacial calcada sobre fortes desigualdades sócio-econômicas. Segundo CARLOS *a cidade é antes de mais nada,*

*uma concentração de pessoas exercendo, em função da divisão social do trabalho, uma série de atividades concorrentes ou complementares, o que enreda uma disputa de usos* (CARLOS, 1994, p.50).

No que tange à estrutura fundiária, o município possui apenas um latifúndio com dois mil hectares, aproximadamente 1000 pequenos estabelecimentos com área entre 20 e 50 hectares (CERRI, 1999, p.35) e o restante trata-se de pequenas propriedades.

O quadro natural tem uma participação decisiva na dinâmica do lugar, principalmente no que se refere à organização do espaço rural pela atividade agropecuária. Todavia, existem outras variáveis que exercem funções significativas no lugar, como por exemplo, a estrutura fundiária, que condiciona o nível de renda do produtor, o qual não tendo acesso à tecnologia e ao crédito bancário apresenta uma baixa produtividade. Assim, os objetos que fazem parte do espaço interferem na dinâmica social.

*(...) O espaço organizado pelo homem é como as demais estruturas sociais, uma estrutura subordinada-subordinante. E como as outras instâncias, o espaço, embora submetido à lei da totalidade, dispõe de uma certa autonomia...* (SANTOS, 1990, p. 145).

Ainda, segundo o mesmo autor, *o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá* (SANTOS, 1997, p.51). O mesmo afirma que esses objetos por si só, não nos permite o conhecimento. Assim, os sistemas de objetos determinarão as ações e por sua vez, os sistemas de ações permitirão a criação de novos objetos, e neste contexto, o espaço dinamiza-se e transforma-se.

Assim, a mera descrição e localização dos objetos que fazem parte do espaço, sem considerar os processos que lhes deram origem e que permitem a sua continuidade, são insuficientes para compreender a organização espacial da sociedade em estudo.

Na concepção de SANTOS o espaço é considerado como um conjunto de elementos fixos e fluxos:

*Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais, e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que, também se modificam (SANTOS, 1997, P. 50).*

No que se refere aos fluxos que se articulam no espaço, eles possuem origens diversas e são constituídos por ações que se materializam no espaço, criando objetos fixos (SANTOS, 1997, p. 51), destacando-se, nesse trabalho, o processo produtivo e a comercialização do queijo.

Assim, torna-se necessário identificar os atores envolvidos no processo de produção do espaço em Cachoeirinha e que funções desempenham na sociedade local.

Neste contexto, reconhecemos Cachoeirinha como um espaço constituído por objetos fixos que tem origem nas relações de trabalho, centralizados nas mais diversas atividades e nas ações que procedem dos vários atores sociais. Os fluxos estariam representados pelo processo de produção e de comercialização dos produtos.

Neste trabalho, consideramos o processo de produção do queijo em Cachoeirinha como atividade artesanal, visto que as etapas da produção exigem do produtor habilidade e força física, além de apresentar aspectos relacionados ao período pré-industrial no qual havia uma predominância dos moldes artesanais de produção.

Com isso não estamos querendo dizer que Cachoeirinha possui uma economia pré-industrial, e sim que este tipo é ainda considerável, sob o contexto do chamado “capitalismo informacional”. Portanto, mais uma vez constata-se a coexistência de práticas tradicionais, modernas e pós-modernas no âmbito das atividades humanas contemporâneas.

Isso porque os processos de mudança não atingem todos os lugares ao mesmo tempo, o que acontece, sobretudo em regiões subdesenvolvidas, onde as desigualdades e as seletividades sócio-econômicas agravam ainda mais a diferenciação sócio-territorial.

Tal fato não se distancia da realidade hoje vivida em Cachoeirinha, quando se observa a produção de queijos e seus derivados, em grande parte sendo realizada na própria residência dos produtores. Em toda a sua área rural é possível encontrar um pequeno produtor, desenvolvendo a produção do queijo com técnicas rudimentares e mão-de-obra familiar. Para melhor explicitar a atividade artesanal em Cachoeirinha, destacamos o conceito que (LIMA, 1985) emitiu, tentando conceituar ARTESANATO:

*Artesanato é a atividade predominantemente manual de produção de bens, exercida em ambientes domésticos (...) com equipamento rudimentar na qual se admite a utilização de máquinas e ferramentas desde que não se dispense a criatividade ou habilidade individual, em que o agente produtor participa, diretamente em todas ou quase todas as etapas de elaboração do produto.*

O termo ARTESANATO ficou assim, caracterizando aquelas formas de produzir bens com estrutura semelhante ao período pré-industrial europeu, ou seja, atividades normalmente desenvolvidas em ambientes domésticos, apoiadas em técnicas e instrumentos de trabalho rudimentar, com largo emprego de forças de trabalho familiar.

Portanto, para apreender essa realidade em Cachoeirinha, é preciso a utilização de categorias de análises específicas do espaço, as quais nos ajudam a compreender melhor a sua organização: forma, função, estrutura, processo (SANTOS, 1979).

Nesse sentido, através da forma, podemos analisar o processo de fixação dos objetos no espaço local, através dos quais se dão à produção e comercialização do produto em estudo. Esta categoria de análise (forma) nos remete à de

paisagem, a qual compreende *um conjunto de formas que, num dado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações estabelecidas entre o homem e a natureza* (SANTOS, 1997, p.83).

Assim, forma, função, estrutura e processo formam quatro termos disjuntos, que se separam apenas para a efetivação da análise, após o que se reencontram na dinâmica global representada pelo conceito de totalidade.

Isso só poderá ser efetuado, segundo CORRÊA (1990) mediante uma perspectiva dialética de análise, pois somente esta permite a compreensão da totalidade social em seu processo de espacialização sempre inacabado.

A dialética permite a apreensão da totalidade em movimento e, por conseguinte, do processo constante de mudanças representadas pela relação global-local. Ao mudarem, as coisas não mudam sempre no mesmo ritmo. O processo de transformação por meio do qual elas existem passa por períodos lentos e por períodos de aceleração (KONDER, 1994).

## **O LUGAR DA COMERCIALIZAÇÃO DO QUEIJO**

A categoria lugar traduz os espaços com os quais as pessoas têm vínculos afetivos. É onde estão as referências pessoais e o sistema de valores que direcionam as diferentes formas de perceber e constituir a paisagem e o espaço geográfico.

Cada lugar é, à sua maneira, o mundo... Cada lugar, irrecusavelmente imerso numa comunhão com o mundo, torna-se exponencialmente diferente dos demais (SANTOS, 1997, P. 252).

Ainda segundo o mesmo autor:

*O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas - as horizontalidades (a fábrica da produção e o*

*lócus de uma cooperação mais limitada), mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade – as verticalidades (os outros momentos da produção: circulação, distribuição, consumo) ( SANTOS, 2002, p. 322).*

Mas, para se definir o lugar é preciso ter em mente a idéia de especificidade na sua relação com o mundial.

*O processo de reprodução das relações sociais que vem ocorrendo, hoje, não invalida o fato de que o “lugar” aparece como um fragmento do espaço onde se pode apreender o mundo moderno, uma vez que o mundial não suprime o local (CARLOS, 1996, p. 28).*

Nessa mesma linha de abordagem, CARLOS (1996) afirma que *o lugar se produz na articulação contraditória entre o mundial que se anuncia e a especificidade histórica do particular (CARLOS, 1996, p. 28-9).*

Desse modo, o lugar representa o ponto de articulação entre a mundialidade em formação e o “local” enquanto especificidade concreta.

Sendo o lugar o produto das relações humanas, entre o homem e natureza, é nele que se dá a unidade da vida social. Cada indivíduo se situa num espaço concreto e real onde se reconhece ou se perde, usufrui e modifica, posto que o lugar tem usos e sentidos em si (CARLOS, 1996, p. 29).

No que tange à organização sócio-espacial, consideramos Cachoeirinha como um lugar. Para SANTOS (2002, p. 286) *o lugar constitui um ponto de intersecção entre verticalidades e horizontalidades.* As horizontalidades estão lá representadas pelos produtores que na sua totalidade, situam-se no campo, onde a modernização e o cooperativismo encontram fortes resistências. A cidade, por sua vez, é o lugar da regulação do trabalho, onde acontece a circulação, distribuição e consumo dos produtos. É ela que vai controlar a produção no campo. São as verticalidades.

Quanto às atividades da comercialização do queijo, elas se situam na área urbana do município. Essa comercialização ocorre tanto na “feira do queijo”, como também nos vários frigoríficos instalados principalmente ao longo da BR-432 no perímetro urbano de Cachoeirinha, além das inúmeras mercearias, supermercados e panificadoras espalhadas por toda a cidade.

Quanto à feira do queijo, ela acontece semanalmente, nas proximidades da Praça Alfredo Alves Espíndola, onde os pequenos e médios produtores rurais oferecem seus produtos a partir de estratégias informais de organização, bem como os comerciantes do queijo da própria cidade e de municípios vizinhos e até de outros estados, que para lá se dirigem para adquirirem os produtos que serão comercializados nas cidades vizinhas.

Os produtores e comerciantes do queijo dispõem suas mercadorias em caixotes que são colocados no chão ou em barracas improvisadas. O transporte do queijo geralmente é feito por meio de “carro de mão” e o seu armazenamento ocorre em caixas de isopor.

Através de entrevistas<sup>2</sup>, constata-se a ausência de políticas governamentais no tocante a organização da feira. Segundo os entrevistados, há necessidade de se criar uma infra-estrutura adequada à comercialização do queijo, como por exemplo, a instalação de barracas ou boxes, cobertura da área, policiamento, entre outros. Mas, a grande queixa dos entrevistados foi a inexistência de uma fiscalização por parte do governo municipal em relação à entrada de queijos produzidos em outros locais.

Questionados sobre a livre concorrência imposta pelo capitalismo, foram unânimes em afirmar que a concorrência entre eles e os comerciantes de outros municípios é desleal porque o queijo produzido fora de Cachoeirinha não apresenta a mesma qualidade, portanto é barateado na feira, o que força o produtor local reduzir o preço do seu produto.

Assim, na ausência de uma eficaz fiscalização, produtores e comerciantes de outros municípios trazem suas mercadorias para essas feiras e

---

<sup>2</sup> Entrevistas cedidas por produtores e comerciantes em visita à feira no dia 04 de janeiro de 2007.

as vendem como se fossem produzidas em Cachoeirinha. Em alguns casos, encontra-se até quem registrou o seu produto como sendo fabricado no município.

Apesar da pouca estrutura física do espaço e da desorganização da feira, acreditamos ser ela fundamental para o comércio do queijo em Cachoeirinha, à medida que atrai pessoas de várias localidades em busca de mercadorias expostas lá, permitindo o acesso de todos (grandes, médios e pequenos produtores) a esse espaço e, de certa forma, possibilita a comercialização do produto em estudo, tanto na própria cidade como a sua divulgação em outras localidades.

Assim, essas feiras são importantes para a cidade, tanto em nível local como regional e até nacional, pois permitem a venda dos produtos artesanais fabricados *in situ* aos comerciantes que vêm de vários estados do Nordeste brasileiro. Em relação a essas feiras CARDOSO afirma que: *pequenos artesãos, por sua vez, transportam à feira tudo aquilo que conseguiram fabricar. E assim, expostos em barracas ou espalhados no chão observa-se uma grande variedade de produtos regionais* (CARDOSO, 1965, p. 72).

Vê-se, portanto, que a feira apresenta peso significativo na forma de comercialização dos produtores, pois representa não só o espaço peculiar da atividade, como também permite aos mesmos exporem os resultados do seu trabalho, embora que de forma um tanto quanto precária, na maioria dos casos.

## REFERÊNCIAS

CARLOS, Ana Fani Alessandri. A (re)produção do Espaço Urbano. São Paulo : Edusp, 1994.

\_\_\_\_\_. O Lugar no/do Mundo. São Paulo : Hucitec, 1996.

CARDOSO, Maria Francisca T. Caruaru: A cidade e sua área de influência. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro : IBGE, 1965.

CERRI, Cláudio. A mensagem do Agreste : Revista Globo Rural. Recife : nº 169, p. 33-7, nov. 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Região e Organização Espacial. São Paulo : Ática, 1986.

\_\_\_\_\_. Região e Organização Espacial. São Paulo : Ática, 1990.

KONDER, Leandro. O que é Dialética. São Paulo : Brasiliense, 1994.

LIMA, Antonio Aquilino de Macedo & Azevedo, Ivanildo Mendes de. O artesanato nordestino: características e problemática atual. Fortaleza : BNB (Estudos Econômicos e Sociais, 14).

SANTOS, Milton. Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. Rio de Janeiro : F. Alves, Coleção Ciências Sociais, 1979.

\_\_\_\_\_. Espaço e Sociedade. Petrópolis : Vozes, 1997.

\_\_\_\_\_. A natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo : Hucitec, 1997.

\_\_\_\_\_. A natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo : Hucitec, 2002.